

## **INFÂNCIA E SEXUALIDADE SEM TARJA**

Paulo Ribeiro dos Santos Sobrinho

*Universidade Federal de São Carlos, paulorsant@yahoo.com.br*

### **Resumo**

Esse texto reuniu narrativas de experiências vividas a partir do resgate de infâncias contadas por quatro indivíduos, sem censura. Na busca por explicações, alguns teóricos surgem nesse texto para facilitar a compreensão e colaborar para que as certezas sobre a sexualidade infantil sejam cada vez mais questionadas. Os relatos das infâncias trazidos pelos sujeitos entrevistados são o alicerce desse texto trazendo problematizações, possibilitando desestabilizar e refletir sobre certa construção cultural que afirma a “inocência infantil”. Propondo assim, novas reflexões sobre a sexualidade infantil, o que para muitos pode se revelar uma realidade agressora, para outros foi uma ferramenta capaz de resgatar memórias, desvelar segredos e descaracterizar o belo e intocável na infância.

**Palavras-chave:** Infância, Sexualidade, Vidas e Relatos.

### **INTRODUÇÃO**

Pesquisas que trabalham com relatos da infância são recentes no campo do conhecimento, a criança tornou-se uma preocupação para o âmbito acadêmico nos tempos atuais. Foucault questiona se a infância não seria justamente a liberdade de não ser adulto, não depender da lei e a possibilidade de estabelecer relações polimorfas com as coisas, com as pessoas e com os corpos? (FOUCAULT, 1977, p. 235). Tratar sobre as questões da sexualidade com a infância ainda é um tema recente e delicado, mesmo que já tenha sido objetivo de investigação em Freud, esse trabalho se propõe a desafiar alguns padrões e aborda questões de forma inusitadas a partir de relatos.

Existem elementos que desencadeiam os estudos sociológicos da infância como 1) a criança como sujeito de direitos; 2) a infância como construção social histórica e não universal; 3) crianças como atores sociais que transformam a história e a cultura; e 4) as crianças são categorias sociológicas. Reitera-se portanto a qualidade de um “objeto” de pesquisa e a necessidade de se pesquisar este objeto mais intensamente (ABRAMOWICZ; MORUZZI, 2016).

Percorrendo o campo investigativo, esse trabalho revela as experiências de quatro pessoas que se lançaram de forma valiosa na narrativa de suas vivências (respeitando o anonimato dxs entrevistadxs, todxs receberam nomes fictícios). Discutir infância pelas vias que seguimos pode ser arriscado, um caminho com muitos desafios e até tropeços, mas a justificativa e ideia principal deste

trabalho é desarticular as formas conservadoras, normatizadas, padronizadas e estereotipadas de se falar sobre a temática da sexualidade da criança.

Nosso objetivo foi narrar, a partir da infância, experiências e descobertas sexuais ao longo do crescimento e as repercussões na fase adulta. As narrativas foram construídas em encontros e relatos com quatro sujeitos. As primeiras descobertas estão ligadas às práticas afetivas, tato e seu próprio corpo, desejos e curiosidades, descoberta do sexo e sexualidade, que surgem nas descobertas e construções no mundo da criança. As narrativas de Bruno, Ana, Lucas e Lia abordam esses tópicos de forma livre e “desproibida” narrando sobre acontecimentos que levaram essas crianças a habitarem uma infância vivenciando seus corpos e desejos.

Nesse sentido,

*Primeira problemática que se coloca ao “dar voz” às crianças, o pesquisador precisa considerar e avaliar se ao divulgar esta voz ele não está colocando em risco a própria criança. O depoimento de uma criança pode revelar situações de exploração, de abandono, de violência. Por um lado, trazer estas informações ao público pode visibilizar a criança e seu depoimento, de modo a romper com um silêncio que oculta a situação de opressão da criança.(ABRAMOWICZ; MORUZZI, 2016, p.31).*

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo descritivo baseado em relatos de experiências no qual se buscou pontuar o caminho percorrido por quatro sujeitos e os desafios ao tratar da sexualidade infantil. Essas vivências foram gravadas e posteriormente transcritas durante o primeiro semestre de 2017, com a devida anuência dos entrevistados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Partimos da concepção de que a infância é “aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas” (LARROSA, 1999, p. 184). Sigmund Freud (1856-1939) foi um dos pioneiros a estudar a exploração do prazer corporal, o neurologista austríaco chocou a sociedade de sua época ao falar da sexualidade infantil, acabando com a imagem da criança inocente e assexuada. Freud organizou o desenvolvimento nesse campo em diferentes fases, valorizando o prazer relacionado a cada região do corpo.

*Não há território e corpo mais disputado do que o da criança para atribuir-lhe uma essência e subjetividade. Precisamos nos esforçar na passagem de a criança para uma criança de maneira que uma criança seja compossível pensar raça, gênero, sexualidade e classe social, como categorias “minoritárias”. (ABRAMOWICZ; MORUZZI, 2016, p.33).*

Bruno relata que:

Convenci várias vezes meus coleguinhas de irem ao banheiro comigo, lá entrávamos numa das cabines com portas, eu subia na privada para que a professora visse apenas dois pés por debaixo da porta e então baixava nossas bermudas e tocava o pênis dos coleguinhas até ficarem eretos, em alguns casos fazia sexo oral, chegava esfregar o pênis em minhas nádegas, mas dentro da creche nunca cheguei a fazer penetração. Também nunca me relacionei com mais de um por vez, tinha um barranco atrás da creche que estudava que às vezes os próprios meninos me chamavam para ir lá fazer sexo oral, isso eu já tinha uns 6 anos era a pré escola (Bruno, atualmente 34 anos).

Assim, algumas “brincadeiras” se restringem à lugares longe dos olhares adultos. O silêncio e afastamento não se dão por algo de essencial nas crianças, mas pelas respostas que ensinamos para as manifestações consideradas ‘inadequada’ (CASSAL, CHIARADIA, 2017). As associações que as crianças e os adolescentes estabelecem com as questões das sexualidades surgem em vários momentos e em diversos lugares, como no descrito acima. São toques, carícias e outras descobertas que se inserem nas percepções que as crianças estão construindo sobre seus corpos e que são afetadas pela pedagogia e pelos espaços onde essas vivências ocorrem, seja na escola ou fora dela. Foucault explicita que

*Parece-me pois que a sexualidade da criança e do adolescente é posta como problema no decorrer do século XVIII. Essa sexualidade é posta inicialmente sob sua forma não relacional, isto é, é posto em primeiro lugar o problema do autoerotismo e da masturbação; masturbação que é perseguida, masturbação que é valorizada como um perigo maior. A partir desse momento, os corpos, os gestos, as atitudes, as caras, os traços da fisionomia, as camas, os lençóis, as manchas, tudo isso é posto sob vigilância. (FOUCAULT, 2010, p. 231).*

Sobre as questões das descobertas sexuais no contexto escolar, Finco afirma que:

*[...] são as crianças que mais resistem aos modelos que os adultos impõem na escola: elas encontram, entre uma brecha e outra, a possibilidade de resistência. Durante a jornada na pré-escola, a invenção de novas formas de representação do tempo e de modos mais prazerosos de organizá-lo, possibilitar um tempo de experimentação que se revela significativo, oferecendo para a criança atividades e vivências não mais interrompidas e segmentadas (FINCO, 2004, p. 94).*

O entrevistado Bruno lembra que:

Lembro que com quatro anos tomava banho com um primo meu que na época deveria ter uns 16 anos, tinha muito tesão em ficar olhando seu pênis e sem querer esfregava minha cabeça no seu órgão durante o banho, mas ele não percebia a minha vontade. Um primo que tinha na época tinha 8 anos, sempre dormia em casa nos finais de semana, com ele tive minha primeira experiência com a penetração no sexo (Bruno, atualmente 34 anos).

Referindo-se as questões do corpo Paulo Freire (1993) destaca que:

*A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e existência, de gozo e de boniteza, exige de nós essa volta crítico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo, se nós fechamos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente (FREIRE, 1993, p.12).*

Bruno narra que:

Aos 6 anos me recordo do quanto meu desejo sexual era forte, nos encontros de família aos finais de semana eu ficava paquerando primos, tios e até amigos, sempre homens mais velhos. Tinha vontade de tocar esses homens, de beijar, e aproveitava o carinho que recebia, por ser uma criança esperta seduzia e tentava mesmo tendo a consciência que por algum motivo aquilo era errado, uma oportunidade para realizar meus desejos (Bruno, atualmente 34 anos).

Notamos que:

*Nessa exploração do próprio corpo, na observação do corpo de outros, e a partir das relações familiares é que a criança se descobre num corpo sexuado de menino ou menina. Preocupa-se então mais intensamente com as diferenças entre os sexos, não só as anatômicas, mas também com todas as expressões que caracterizam o homem e a mulher. A construção do que é pertencer a um ou outro sexo se dá pelo tratamento diferenciado para meninos e meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade e pelos padrões socialmente estabelecidos de feminino e masculino (BRASIL, 1997, p. 81).*

Bruno conta que:

Quando comecei a primeira série dos 7 para os 8 anos, comecei a passar minhas férias no sítio de uma tia em outra cidade, chegava a ficar semanas lá, eu adorava, pois, meu primo que tinha uns 20 anos também morava nesse sítio e me despertava muitos desejos. Com ele não demorou muito para acontecer, pois todas as noites meus tios iam dormir cedo porque trabalhavam na roça, e então ficamos eu e meu primo vendo TV até tarde na sala ou no seu quarto. Lembro que ficávamos sós, ele

pegava umas revistas pornográficas de mulheres nuas e se excitava, aquilo me dava muito prazer tanto que diante daquela situação me atrevi a tocar seu órgão pela calça no sofá e daí então nossa intimidade só aumentou, do toque para o oral, do oral para penetração (claro que com um pouco de dificuldade, mas eu queria muito sentir tudo aquilo) (Bruno, atualmente 34 anos).

Calligaris destaca que:

*Em nossa cultura, as crianças aprendem, entre outras coisas, que há dois campos nos quais importa se destacar para chegar à felicidade e ao reconhecimento pela comunidade: as relações amorosas/sexuais e o poder, ou melhor, a potência no campo produtivo, financeiro e social, ou seja, duas qualidades subjetivas são cruciais para se fazer valer em nossa tribo: é necessário ser desejável e invejável (CALLIGARIS, 2000, p.15).*

Bruno relata que:

Com 8 anos fui morar na casa da minha tia, irmã do meu pai, e seu marido. Meu tio tinha mais ou menos uns 45 anos na época, chamo de pedófilo pela grande diferença de idade, pela facilidade que era de ter relações com ele, e por ser o único homem que usou de ameaças para manter em segredo o que fazíamos. Tinha vezes que ele acordava de madrugada, me pegava em meu quarto e me levava para sala para praticar sexo oral nele, mas não vou mentir dizendo que fui forçado ou atacado, pois aquele homem me dava muito tesão, quando ele não procurava, eu procurava ele, adorava sentar em seu colo no portão de casa e ficar acariciando o seu pênis por entre as pernas enquanto víamos o movimento da rua, não me via forçado a fazer aquilo, muito pelo contrário: Eu gostava!(Bruno, atualmente 34 anos).

A entrevistada Ana relata que:

Com esse namorado que arrumei, que devia ter uns 11 anos, tive minha primeira relação sexual com menino, aproveitei que minha mãe ia passar a tarde a toda com meu pai fora de casa e o convidei para ir lá, a gente começou dando uns esfregas e beijos no sofá e depois fui para o quarto de passar roupa, pois de lá dava para ver se alguém chegasse. Aproveitei um colchão velho que tínhamos para por no chão e foi ali que perdi a minha virgindade, dias depois tive a mesma experiência na casa do primo, ele tinha uns 14 anos, minha mãe permitiu que eu passasse o final de semana na casa da minha tia, eu e meu primo namoramos a noite toda, com direito a sexo no final. Nada disso considero que foi por curiosidade ou que não sabia ao certo o que estava fazendo, tinha sim noção do que estava acontecendo e queria muito tudo aquilo. Com 12 anos já tinha tido relação com uns 8 meninos mais ou menos que eu me recordo, lembro que era tudo mais difícil para acontecer, por conta do cuidado que os pais tinham, as oportunidades não eram tantas, uma vez acho que tinha entre 11 e 12 anos, tive relação sexual com um garoto da escola no meio dos arbustos de uma praça que ficava perto de casa, porque não tínhamos local para ir. Acho que foi nessa época dos 12 anos que eu senti o que era orgasmo de verdade, isso só veio a completar e estimular ainda mais o meu desejo sexual (Ana, atualmente 37 anos).

Lucas relembra que:

Comecei minha história bem cedo, não consigo explicar como surgiu essa vontade, mas lembro que com 7 anos ia com minha mãe para o clube direto no verão para curtir a piscina [...] Nesse clube trabalhava um segurança que devia ter seus 38 anos, e ele ficava transitando pelo clube e toda vez que passava pela lanchonete e eu estava lá com minha mãe ficava encarando ele. Minha vontade de ver aquele homem pelado e ser tocado era tão grande que depois de algum tempo frequentando o clube ele percebeu que a forma com que eu olhava e para onde eu olhava no corpo dele dava entender que o quanto eu estava desejando alguma coisa. Numa tarde entre trocas de olhares, ele massageou a região do pênis pela calça e eu dei uma risada, nunca vou esquecer dessa cena, como aquilo me deu tesão, foi daí que por algum motivo tive mais curiosidade, puxamos papo e dessas conversas marcamos um dia de irmos para um vestiário que ficava mais afastado da piscina e era pouco frequentado, não lembro qual foi a desculpa que dei para minha mãe mas como o clube era bem seguro acho que podia andar por ele sem que ela tivesse grandes preocupações. Fui ao vestiário como combinamos e logo depois o segurança chegou, lá entrou na última cabine do banheiro onde ficava uns baldes, coisas de serviço, e me chamou com a cabeça, entrei nesse banheiro, fechamos a porta e lá ele baixou sua calça, acho que foi a primeira vez que fiz sexo oral em um homem. Aquilo foi um dos prazeres que tive do qual gosto de lembrar até hoje (Lucas, atualmente 25 anos).

Nesse sentido Silva (2007) aponta que:

*A curiosidade sexual é a principal responsável pelo despertar da aprendizagem. A curiosidade sexual e o desejo de saber se manifestam logo no início da nossa vida. É por meio deles que compreendemos de onde e como viemos ao mundo e isso nos leva a querer entender como é que funciona e o que é o resto das “coisas” do mundo. Assim começamos a conhecer e a pensar. Quando podemos levantar hipóteses, unir as ideias, construir teorias, podemos pensar. Quando podemos pensar, podemos conhecer e estabelecer relações afetivas. Os vínculos afetivos também são ligações que resultam do desejo de saber e de conhecer o outro (SILVA, 2007, p.18).*

Lucas narra que:

Depois disso, já com meus 8 ou 9 anos, conheci um amigo do meu irmão que ia sempre em casa jogar vídeo game, ele devia ter uns 16 anos, assim como meu irmão. Esse também me dava muitas vontades quando parava para imaginar, vontade mesmo de fazer coisas que eu já tinha visto na internet pelos vídeos pornô do meu irmão... Acredito que propositalmente um dia ele sabendo que a tarde eu e meu irmão ficávamos sozinhos em casa, e que uma vez por semana meu irmão ficava fora de casa por conta do curso que ele fazia na parte da tarde, ele resolveu aparecer dizendo que iria esperar meu irmão. Naquela tarde tudo aconteceu, ficamos no sofá olhando pela janela se ninguém chegava e começamos a nos tocar, foi também nessa tarde que eu perdi minha virgindade sendo passivo, e depois desse dia tivemos vários outros encontros, essas lembranças boas eu nunca quero esquecer (Lucas, atualmente 25 anos).

A entrevistada Lia relata que:

Morávamos no fundo da oficina de carros do meu irmão e lá trabalhavam outros homens junto com ele, um desses mecânicos notou que eu era diferente, ele tinha seus 30 anos e eu entre 5 ou 6, me tratava diferente da forma que meu pai, meus irmãos e outros homens me tratavam, nos momentos que ficávamos sozinhos ele era carinhoso, me tratava como se eu fosse uma garotinha. Eu gostava da forma como ele brincava e me tocava, não sei expressar claramente o sentimento, mas gostava de estar com ele, me sentia normal quando ele se aproximava e me acariciava. [...] Nunca me senti forçada a estar ali, ao contrário, eu queria viver aquelas brincadeiras, principalmente a parte que era proibida. A primeira vez que toquei seu pênis lembro que ele colocou minha mão sobre aquele volume ereto, eu sentia prazer em fazer aquilo, das outras vezes, ele não precisou mais colocar minhas mãos porque eu já sabia o caminho. Cheguei a pensar que era uma criança com mentalidade adulta, pervertida, me culpei várias vezes por não me achar normal nem mesmo quando era criança, mas hoje vejo que fui uma criança com os desejos da sexualidade muito aflorados, tive vontades que outros amigos ou amigas também tivessem (Lia, atualmente 33 anos).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos intriga é a possibilidade de desconstruir as representações que as crianças são inocentes e assexuadas. Para tanto, acreditamos ser necessário inserir as problematizações das relações de gênero e sexualidades nos processos da formação inicial e continuada de educadorxs, reuniões com as famílias, projetos com adolescentes e integrantes das redes de proteção.

Assim, o conceito de contrassexualidade pode nos auxiliar a estabelecer uma relação sem sujeição de uns corpos sob os outros. Substituindo o contrato social que denominamos Natureza pelo contrato contrassexual, no qual os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens/mulheres, mas reconhecem os outros como corpos falantes. A contrassexualidade busca situar o corpo fora das oposições homem/mulher, masculino/feminino, heterossexualidade/homossexualidade” (PRECIADO, 2014)

Nietzsche e Foucault articulam a vida como obra de arte, que é a perspectiva criativa na qual buscamos navegar em sentido contrário aos controles, às normalizações e normatizações que disciplinam os corpos, excluem possibilidades de vida, colocam a diferença como desvio e cuja prática educativa disciplinar produz fascismos. Nós desejamos uma reinvenção na liberdade, para que as crianças tenham a disposição diferentes modelos de viver a vida, para que ela seja criadora de seu mundo, suas brincadeiras, como artista de si, experimentando o prazer de criar e se descobrir produzindo pequenas revoluções diárias.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, Anete; MORUZZI, Andrea Braga. Infância na contemporaneidade: questões para os estudos sociológicos da infância (Childhood in the contemporary world: questions for the sociological studies of childhood). **Crítica Educativa**, v. 2, n. 2, p. 25-37, 2017.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo. Publifolha; 2000.
- CASSAL, Luan Carpes Barros; DE FRANÇA CHIARADIA, Cristiana. SEXUALIDADE, BRINCADEIRA E ESCOLA NO PROCESSO DE NORMALIZAÇÃO DA INFÂNCIA. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 3, n. 1, p. 59-76, 2017.
- FINCO, Daniela. **Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher**: relações de gênero nas relações de meninos e meninas na pré-escola. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- FREIRE, Paulo. Apresentação. In: RIBEIRO, Marcos (Org.) **Educação Sexual**: Novas Idéias, Novas Conquistas. Editora: Rosa dos Tempos, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**, vol. 1 - A vontade de saber. 3a edição, Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- LARROSA, Jorge. Dar a Ler, Dar a Pensar... Quem Sabe. Entre a Literatura e a Filosofia. In: KOHAN, Walter Omar & LEAL, Bernadina (Org). **Filosofia para Crianças em Debate**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Políticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- SILVA, Maria Cecília Pereira (Org). **Sexualidade começa na Infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.